

FONTE : FSP

CLASS. : 22

DATA : 28 03 89

PG. : A-8



Participantes do Primeiro Encontro de Povos da Floresta, que acontece simultaneamente ao dos seringueiros

Militares são únicos interlocutores da questão ambiental, diz antropólogo

FERNANDO GABEIRA

Enviado especial a Rio Branco

Enviado especial a Rio Branco
Num debate que tomou toda a manhã de ontem, o antropólogo Alfredo Wagner, convidado especial do 2º Encontro Nacional dos Seringueiros, disse que somente o Exército tem nove milhões de hectares de terra no Pará e que o único interlocutor para a questão ambiental no Brasil é a Secretaria de Assessoria de Defesa Nacional, dirigida por militares. Segundo o antropólogo, as Forças Armadas controlam tudo, desde a análise das informações do satélite até a construção de pequenas estradas vicinais, dentro do contexto do projeto Calha Norte. O encontro dos seringueiros, em Rio Branco (AC), está ocorrendo simultaneamente ao 1º Encontro dos Povos da Floresta.

O antropólogo Alfredo Wagner afirmou ainda que parte da verba usada pelo projeto Calha Norte foi retirada de recursos do Pró-Terra, enfatizando que a opção do governo foi de esvaziamento do processo de reforma agrária, acompanhado de uma crescente militarização no enfoque da questão da terra e do meio ambiente. Segundo ele, seis milhões de hectares de terra foram repassados ao Exército, após a revogação do decreto lei 1.164, e a eles foram acrescentados os três milhões de hectares da Serra do Cachimbo.

As informações do antropólogo surgiram num quadro de dúvidas dos seringueiros sobre com quem conversar no governo federal a respeito de seus problemas. O antropólogo informou que as terras que o Exército ocupa no Pará significam o dobro das terras ocupadas por

colonos, acrescentando ainda que 120 mil famílias foram deslocadas pelos grandes projetos e 1.500 vivem em acampamentos.

A discussão sobre política governamental criticou o modelo de desenvolvimento da Amazônia, baseado em subsídios. Recentes pesquisas indicam que, de 121 projetos que funcionavam com subsídios, 90 foram vendidos, causando um prejuízo de quatro milhões de OTNs (valor congelado em janeiro de 89). Um dos casos mais graves denunciado pelo antropólogo foi a venda de uma fazenda da Volkswagen em Santana do Araguari — uma área de 120 mil hectares recebida pelo governo na forma de isenção de impostos. Essa rotatividade nos projetos amazônicos já havia sido constatada em estudos do IPEA e do Banco Mundial.